

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X^o CONGRESSO Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 27 - Formação do professor de PL2/PLE: perspectivas de lá e de cá, 3615-3628

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3615

<http://siba-esu.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

A PERCEPÇÃO DO HUMOR CRÍTICO BRASILEIRO POR ALUNOS DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ESTRANGEIROS (PL2E): O JOGO DE PALAVRAS EM CHARGES NA MÍDIA IMPRESSA E NA INTERNET.

Sheila MEJLACHOWICZ²⁶

RESUMO

O presente estudo propõe um trabalho de expansão de vocabulário, tendo como material de apoio o gênero textual charge. A escolha deste gênero deve-se a dois fatores. Primeiramente, ao fato de ser a charge um material com recurso visual rico, o que a torna instigadora à compreensão e à discussão de situações presentes no nosso cotidiano. Além disso, a charge é conhecida por conter, em vários exemplos, uma função crítica e de que, a partir dela, são evidenciados também o humor e a ironia. A charge não é, em todas as suas ocorrências, essencialmente crítica. Porém, mesmo que ela aparentemente apenas informe fatos recentemente ocorridos, ela sempre trará a percepção do autor em relação ao fato, o que já indica uma visão crítica. A partir dessa questão, é necessário perceber de que forma o aluno estrangeiro entende a crítica e compartilha o humor presente na charge. Deve-se observar que este aluno estrangeiro não está apenas aprendendo um novo idioma. Ele está interagindo com falantes de português como língua materna, vivenciando a cultura do país da língua-alvo, o que não é algo simples, pois o humor que é facilmente compreendido entre falantes de língua materna não terá necessariamente a mesma compreensão por parte de um estrangeiro. Assim, são necessárias duas abordagens para o desenvolvimento da pesquisa: a sociodiscursiva, a partir da teoria dos gêneros bakhtiniana (Bakhtin, 2000), passando a seguir para o Interculturalismo, focando os conceitos de cultura subjetiva e de cultura objetiva (Bennett, 1998).

PALAVRAS-CHAVE: humor; crítica; interculturalismo; português para estrangeiros

1. Introdução

O presente estudo propõe, a partir de um trabalho de compreensão de charges, auxiliar o aluno estrangeiro, tanto na expansão de vocabulário como na percepção de aspectos relacionados à cultura e ao comportamento, em nossa sociedade.

26 PUC-RIO, Departamento de Letras, Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea. CEP: 22451-900 – Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: sheila.m1@globocom

Ao chegar em um novo país, o estrangeiro imediatamente associa as suas dificuldades à comunicação. A barreira do idioma é algo difícil de ultrapassar. A necessidade de, em um primeiro estágio, agarrar-se à estrutura de sua língua materna, torna a percepção da língua-alvo distante. Ao passar por essa fase inicial, começa a se sentir inserido no contexto, perde aos poucos o medo de se expressar, aprimora o vocabulário e passa a entender estruturas mais complexas e a ver que o seu conhecimento de mundo vai ajudá-lo a compreender as situações de uso da língua.

Torna-se evidente, portanto, que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira ou, neste caso, segunda língua, por se encontrar em imersão no país, ultrapassa o conhecimento gramatical, tão necessário, porém insuficiente para possibilitar ao aluno alcançar a competência comunicativa. Para tanto, é necessário que se unam gramática, uso, contexto e cultura, tornando, assim, o ciclo de aprendizagem completo.

O aluno, aprendiz de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)²⁷, normalmente chega ao novo país com um olhar crítico, com uma ideia pré-concebida em relação ao povo, aos costumes, com uma ‘mala’ cheia de estereótipos que julga serem todos verdadeiros, embora saiba que também é visto justa ou injustamente a partir de outros estereótipos. Aos poucos, ele começa a ultrapassar a barreira do idioma e, conseqüentemente, outros desafios começam a ser enfrentados e ultrapassados, uns com maior, outros com menor grau de dificuldade.

O grande desafio para o professor é possibilitar ao aluno mecanismos que o façam atingir a competência comunicativa, ajudando-a a ultrapassar as barreiras linguísticas e culturais.

Neste aspecto, o trabalho com charges torna-se relevante. O conhecimento do gênero textual charge leva o leitor a “direcionar o seu olhar” para uma visão crítica de um fato, segundo Koch e Elias (2011) que fazem referência à competência metagenérica (grifo das autoras):

Todos nós, falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos, ao longo de nossa existência, uma **competência metagenérica**, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função. É essa competência que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos.

27 PL2E – sigla criada por Meyer (2004). In Revista Palavra, no. 13, p.79:2004

A ampliação de vocabulário em um trabalho com charges é possibilitada por um campo vasto e rico de expressões metafóricas, de expressões cristalizadas e pelo jogo de palavras muitas vezes presente e que será compreendido pelo estrangeiro desde que ele esteja inserido no contexto de uso: o conhecimento compartilhado é fundamental para a compreensão da crítica, do humor e da ironia presentes em vários exemplos. A percepção e a compreensão do humor estão diretamente ligadas a questões de ordem cultural e essa questão é fundamental no ensino de línguas estrangeiras.

De acordo com Bolacio Filho (2012)²⁸, “Um tema extremamente atual no contexto de ensino de línguas estrangeiras é o do encontro ou cruzamento de culturas, entendido hoje em dia como um momento de mútua tentativa de compreensão do outro”.

O autor enfatiza a importância de transmitir, no ensino de línguas estrangeiras, informações culturais além das questões gramaticais e ele faz um questionamento sobre o humor, o riso, que é inerente ao ser humano, porém não se realiza da mesma forma (Bolacio Filho, 2012). Ele cita Laraia (2003:68-69)²⁹, que mostra como o humor é vivenciado de diferentes formas nas diversas sociedades:

Mesmo o exercício de atividades consideradas como parte da fisiologia humana podem refletir diferenças de cultura. Tomemos, por exemplo, o riso. Rir é uma propriedade do homem e dos primatas superiores. O riso se expressa, primariamente, através da contração de determinados músculos da face e da emissão de um determinado tipo de som vocal. O riso exprime quase sempre um estado de alegria. Todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos. (...)

Bolacio Filho reforça, citando Aristóteles, que o riso é natural do ser humano e que “faz parte dos valores e das crenças de cada cultura”.

Portanto, compreender o que gera o humor em uma sociedade é perceber os aspectos culturais inerentes a ela, é compreender a própria sociedade e se sentir fazendo parte dela também.

Quanto à apresentação deste trabalho, são apresentadas cinco partes. Na primeira, a introdução contendo as linhas gerais da pesquisa. Na segunda parte, os pressupostos teóricos que norteiam o estudo e que abordam questões relacionadas ao gênero textual e aos aspectos interculturais. Na terceira parte, uma breve descrição dos

28 O autor investiga contrastivamente o humor nas sociedades alemã e brasileira a partir da análise de capítulos de duas séries de comédia da televisão dos dois respectivos países.

29 LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 16ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

aspectos metodológicos empregados e, a seguir, a análise de dados a partir dos exemplos selecionados. Na quinta e última parte são verificadas as considerações finais.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Os gêneros discursivos na conceituação de Bakhtin (2000)

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Bakhtin destaca a heterogeneidade dos gêneros do discurso e considera a diferença essencial entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo).

Os gêneros primários referem-se à comunicação verbal espontânea (diálogo familiar, por exemplo), enquanto os gêneros secundários estão diretamente relacionados a circunstâncias de comunicação cultural, principalmente escrita (o romance, o teatro, o discurso científico são exemplos). Os gêneros primários, tornam-se componentes do gênero secundário, transformam-se e adquirem uma característica particular.

MORAES (2009:102-103) faz citações a Bakhtin, entre elas a que ele considera que toda enunciação é um diálogo. Não há um enunciado isolado, ele é um elo de uma cadeia, ou seja, um enunciado é antecedido por outros e que, por sua vez outros o sucederão. Ela reforça que, desta forma, mais importante do que o enunciado em si, parece ser o próprio ato de comunicação, a interação e que esse ato de comunicação se dá através dos gêneros do discurso.

Segundo Bakhtin, um fator bastante importante relacionado a gêneros discursivos refere-se às formas estáveis do *gênero do enunciado*³⁰. “O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*³¹ (Bakhtin, 2000:301).

O domínio dos gêneros do discurso nos permite usá-los com desembaraço. Para o autor, os gêneros do discurso são tão indispensáveis para o entendimento entre os

30 grifo do autor.

31 *idem*.

locutores quanto as estruturas gramaticais, porém ele reforça que “eles não deixam de ter um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria” (Bakhtin, 2000:304).

A partir dessa concepção de Bakhtin, é que pretendemos realizar este trabalho de ampliação de vocabulário, lembrando que a palavra isolada não é suficiente para a compreensão da charge. Mais do que a significação da palavra, deve-se atentar ao enunciado, a significação da palavra, às intenções daquele enunciado que o torna expressivo:

Escolhemos a palavra de acordo com sua significação que, por si só, não é expressiva e pode ou não corresponder ao nosso objetivo expressivo em relação com as outras palavras, isto é, em relação com o todo de nosso enunciado. (Bakhtin, 2000: 311)

2.2 O interculturalismo e sua importância no processo de ensino-aprendizagem de L2

Como vimos na introdução deste projeto, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente em se tratando de alunos que estão aprendendo o idioma em imersão, envolve questões que vão muito além das regras gramaticais. O processo interacional é difícil porque o estrangeiro não encontra apenas um novo idioma sobre o qual ele ainda tem pouco conhecimento. Além da barreira linguística, ele encontra outra, que provavelmente será mais difícil de ultrapassar, que é aprender uma nova cultura, muitas vezes tão diferente da sua.

É nesse contexto que entram os estudos interculturalistas, que têm como foco perceber como as pessoas ultrapassam estas barreiras impostas pela língua e pela cultura.

De acordo com Bennett (1998), o estudo do interculturalismo vem tentando encontrar uma resposta para a seguinte pergunta: como as pessoas entendem umas às outras quando elas não compartilham uma experiência cultural comum?

Nesse contexto, deve-se considerar a existência de dois tipos de cultura, de acordo com o que considera Bennett (1998), que são a ‘cultura objetiva’ e a ‘cultura subjetiva’. Juntos, estes dois conceitos se completam e permitem ao estrangeiro desenvolver, de fato, a competência intercultural, afinal, ele passa a vivenciar a nossa cultura o que, para alguns, é justamente o que esperam, enquanto para outros, pode significar um choque cultural.

Segundo o autor, a cultura objetiva refere-se ao que existe de concreto em uma sociedade, nas manifestações visíveis, como a arte, a literatura, a política, a língua, por exemplo. Já a cultura subjetiva refere-se ao que não é concreto ou visível, tais como o comportamento, os valores, as crenças, ou seja, os conteúdos abstratos dessa sociedade. Assim, ele reforça que uma pessoa pode conhecer muito sobre a história de uma cultura, mas ainda não ser capaz de comunicar-se com alguém que se origina desta cultura. Para ele, entender a cultura objetiva pode criar conhecimento, mas não vai, necessariamente, produzir competência.

Meyer (2008), reforça que no campo de ensino de segundas línguas, mais do que ensinar um código, ou seja, a gramática, deve-se também trabalhar a língua em contexto, o que significa “trabalhar com situações de comunicação”. A autora cita Singer (1998), em relação à necessidade de traduzir a mensagem que desejamos transmitir para uma linguagem cultural que a outra pessoa compreenda e aceite.

Não há, portanto, como negar a importância de uma análise interculturalista quando se trata de ensino de uma segunda língua, principalmente porque o aprendiz deseja se sentir totalmente inserido no contexto da sociedade onde ele está vivendo e isso, como vimos, não significa apenas fluência no idioma.

3. Metodologia

Neste trabalho, a análise de base qualitativa partiu de exemplos retirados da mídia impressa, particularmente de um jornal de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro (jornal O Globo), além de charges escolhidas em alguns sites, cuja descrição encontra-se após cada exemplo, na análise de dados.

Após a escolha das charges, foram selecionados alguns exemplos e trabalhados com um grupo de alunos aprendizes de português como segunda língua, de nível avançado. Os alunos trabalharam em grupos e informaram apenas o nível e o país de origem. A proposta de atividade foi de que eles identificassem na mensagem o conteúdo crítico existente em cada exemplo. Além disso, verificou-se a importância de outros aspectos, como, por exemplo, o conhecimento de mundo, para a compreensão das charges.

4. Análise dos dados

Procuramos nesta pesquisa utilizar um recurso visual rico como a charge como instigadora à compreensão, por parte do aluno estrangeiro, de situações presentes no nosso cotidiano e de como, a partir dela, vivenciamos a crítica. A charge não é, em todas as suas ocorrências, essencialmente crítica. Porém, mesmo que ela aparentemente apenas informe fatos recentemente ocorridos, ela sempre trará a percepção do autor em relação ao fato, o que já indica uma visão crítica.

Daí, surgem algumas interrogações, principalmente no sentido de perceber quem é o nosso interlocutor e de que forma ele reage e entende o que propomos (PATO, 2007). O autor avalia que uma análise na perspectiva bakhtiniana é pertinente, “pois nela o contexto e a interação entre os falantes são determinantes no processo de construção de significados”.

Como primeiro exemplo utilizado na atividade proposta, foi escolhida uma charge que faz um alerta sobre uma situação de saúde pública no Rio de Janeiro preocupante, principalmente com a proximidade do verão e sua urgência em encontrar uma solução ao problema:



(https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1024&bih=458&q=charge+dengue&oeq=charge+dengue&gs_l=img.3..0.1235.4516.0.526)

Em todas as verificações, o conhecimento compartilhado foi fundamental para a compreensão do jogo de palavras. A maioria, por morar na cidade já há algum tempo,

conhece os alertas em relação ao mosquito transmissor da dengue e os cuidados que devem tomar, conhecem as campanhas que são feitas para o combate da doença, o que foi um facilitador e gerou um interesse pela discussão. A partir da imagem, foi fácil perceber o jogo de palavras, com os significados diferentes da palavra “pneu”. Os alunos que não tinham o conhecimento, apenas identificaram, pela primeira imagem, o sentido da palavra e fizeram comentários mais relacionados à vaidade da mulher em relação ao seu corpo.

Um outro exemplo verificado mostra outro fator importante: algumas charges são atemporais. Nesse sentido, segue comentário feito em uma crônica de Maringoni (1996), chargista que cita a importância do fator tempo na compreensão do gênero charge ao comparar com um exemplo mencionado por ele em que trazia uma cena de Charles Chaplin :

A charge envolve mais um componente neste código com o público: o tempo. Peguemos o exemplo da casca de banana de Carlitos. A cena é universal e atemporal. Vista hoje, daqui a dez ou vinte anos, ou há vinte, quarenta anos atrás, a graça continua³².

Tendo em vista essa percepção, os alunos observaram a seguinte charge:



https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1024&bih=677&q=charges+chaplin&oq=charges+chaplin&gs_l=img.12...2986.6361.0.8099.15.13.0.2.0.0.135.1125.4j7.11.0....0...1ac.1.64.img..5.10.989.vm-27Xm5bX8#imgsrc=12rIDNdlbXiJeM%3A

32 Humor da charge política no jornal. IN: Comunicação & Educação, São Paulo, set/dez. 1996 - (Gilberto Maringoni – chargista, quadrinhista e arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP)

Na avaliação feita pelos alunos, o conhecimento de Chaplin foi importante, mas o sentido em si da palavra vagabundo foi associado diretamente ao personagem, às desigualdades sociais e às mudanças da sociedade atual.

Outro exemplo mostra como o conhecimento compartilhado ajuda na compreensão da charge, mesmo não tendo domínio do vocabulário, como de uma sigla, neste caso:



<http://horaciocb.blogspot.com.br/2010/07/charge-acelera-dilma.html>



http://www.mundopeke.com/web/picapiedra/Imagens/fred_wilma_baby_car.jpg

Mesmo não conhecendo a sigla PAC³³, a associação de imagem com o desenho animado tão conhecido até hoje, aliada à representação dos personagens por figuras presentes na política brasileira auxiliaram a compreensão da crítica e o grupo achou bastante positivo o humor como seu veículo. Deve ser observado também, em termos de vocabulário, a presença da metáfora na mensagem: acelera não está se referindo literalmente ao movimento do carro, mas ao andamento das obras de infraestrutura no país e isso é percebido através do conhecimento compartilhado.

Uma outra charge abordada faz referência ao dia da sogra. Com humor, o autor da charge faz uma crítica aos relacionamentos muitas vezes complicados entre genros/noras e sogras. O trabalho com este grupo especificamente foi interessante, porque todos compartilhavam a mesma ideia. Porém, deve-se observar que a figura da sogra pode não ser vista da mesma forma em outras culturas, podendo inclusive ser vista a charge como desrespeitosa, o que levaria a um choque cultural significativo.

33 PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO, DO GOVERNO FEDERAL.

CHARGE: DIA DA SOGRA



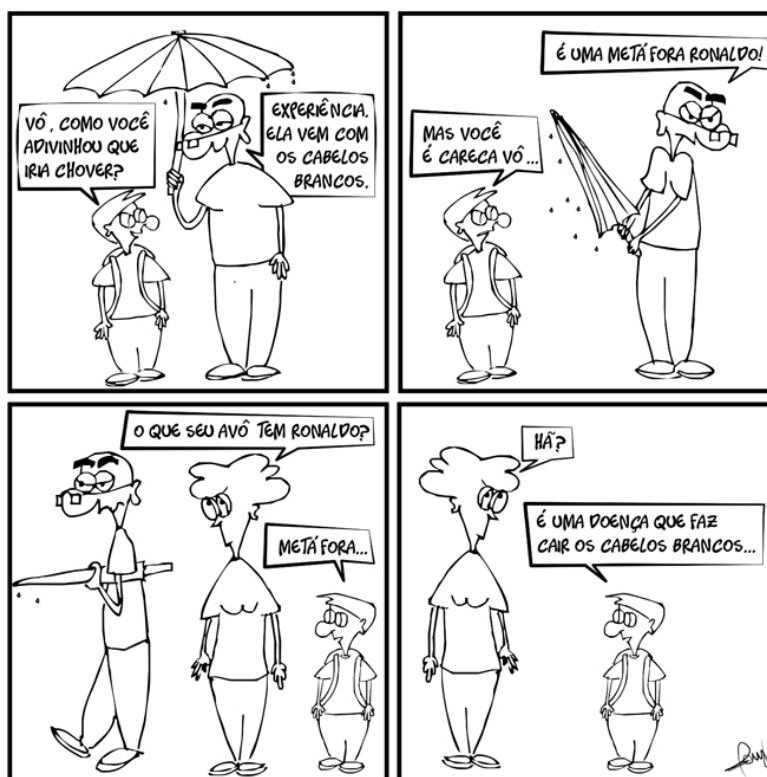
<http://www.blogdomadeira.com.br/2009/04/charge-dia-da-sogra/>

A partir da discussão sobre a questão do relacionamento familiar, os alunos criaram, em grupos, uma outra propaganda em homenagem ao dia da sogra, a partir da troca de experiências.

A última charge selecionada traz um novo elemento: a metáfora. Perceber o sentido metafórico não é o desafio maior, pois não se trata de uma questão relacionada unicamente à linguagem. A metáfora existe em nosso pensamento, em nosso dia a dia. Nós pensamos e agimos metaforicamente e, assim, transferimos o conceito, a ideia para o nosso cotidiano.

A charge abaixo mostra como esse conceito metafórico pode ser bem compreendido com o recurso da imagem. A ideia de 'cabelos brancos' foi facilmente associada à experiência de vida, o que leva à falta dessa compreensão por parte da criança:

Assis em: Metáfora



<http://macro20112cultura.blogspot.com.br/2011/11/metafora-descoberta-de-varias-faces.html>

5. Conclusão

A partir dos exemplos levados à sala de aula, foi verificado que o trabalho com o gênero textual charge pode ser um facilitador em aulas de línguas estrangeiras, mais especificamente, mostrou-se um material produtivo com este grupo de alunos de português como segunda língua para estrangeiros.

O reconhecimento do gênero proporcionado pelo que Koch e Elias (2011) denominam de competência metagenérica comprovou-se no trabalho com este grupo específico, que identificou logo de início que a proposta seria de comentar criticamente determinados temas. O humor também foi bem recebido, porém, deve-se reforçar a questão intercultural que pode ser um obstáculo ao trabalho com determinados temas, mas isso deve ser observado não apenas no trabalho com este gênero textual.

O fato de estarem aprendendo o idioma em imersão em nosso país, ajudou consideravelmente, por conhecerem de perto vários aspectos abordados nas discussões.

Além disso, por serem alunos de nível avançado, a compreensão do jogo de palavras, assim como do vocabulário metafórico, deu-se de forma eficiente, contribuindo para a expansão do vocabulário.

Assim, comprovou-se a eficiência do trabalho com este gênero textual, pela riqueza de conteúdo. Observou-se, também, a necessidade de avaliar, de acordo com o grupo de estudantes, questões culturais que podem ser comuns ou, ao contrário, totalmente diferentes e delicadas.

A ideia de que, como Bolacio Filho (2012) apontou em seu estudo ao citar Laraia (2003), a cultura é uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade, deixa clara, para mim, esta preocupação. O trabalho com charges com alunos provenientes de diversas culturas será positivo, desde que sejam observadas questões que evitem choques culturais sérios.

Pode-se concluir que o trabalho mostrou-se eficiente em alguns aspectos. Primeiramente, como proposta de expansão de vocabulário para alunos de PL2E, motivada pelo jogo de palavras e pelo uso de expressões do dia a dia, como as expressões metafóricas. Além disso, a percepção do humor e da ironia como elementos de crítica presentes em nossa sociedade pode ser incentivadora para a discussão de temas importantes. Assim, a escolha do material (dos temas propostos nas charges) deve passar por um critério de seleção.

Fica, então, como proposta didática a utilização desse gênero textual, trabalho que envolve não só o ensino gramatical, como também a compreensão de aspectos importantes da sociedade na qual o aluno está inserido, o que vai contribuir para o desenvolvimento da sua competência comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, Mikhail. 2000. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Bennett, Milton. *Intercultural communication: A current perspective*. In MEYER, Rosa Marina. 2008. *Questões interculturais entre o português do Brasil e o espanhol latinoamericano*. III Simpósio sobre Ensino de Português para Falantes de Espanhol: UNICAMP.

Bolacio Filho, Ebal.S. 2012. Humor construtivo: Brasil e Alemanha: análise de séries televisivas de uma perspectiva intercultural [

Koch, Ingedore Villaça & Elias, Vanda Maria. 2011. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto.

Maringoni, Gilberto. 1996. *Humor da charge política no jornal*. In Comunicação & Educação, São Paulo, set/dez. Retirado de <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36269/38989>.

Moraes, Luciana Salles de Bragança. 2009. *Gêneros discursivos: da teoria à prática em sala de aula de PL2E*. In: Olhar plural trajetória comum: português para estrangeiros na PUC-RIO. (Org.) Rosa Marina de Brito Meyer, Adriana Ferreira de Sousa Albuquerque. Rio de Janeiro: Deescubra.

Pato, Paulo Roberto Gomes. *Histórias em quadrinhos: uma abordagem bakhtiniana*. (Dissertação de mestrado) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2007. [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3523/1/2007_PauloRobertoGomesPato.pdf.]

